

POLITIZANDO





MIGRACOES GLOBAIS E A EUROPA DO CAPITAL

GILSON DANTAS



GHASSAN ISEIR Embaixador da Síria no Brasil

POLTZINDO Editorial

Este número do POLITIZANDO aborda a guestão candente dos refugiados representados, principalmente, por habitantes da África, do Oriente Médio e, em menor escala, da Ásia. Trata-se, na contemporaneidade, de um fenômeno que, não obstante antigo, apresenta-se em proporções assustadoras a ponto de constituir uma das mais dramáticas crises humanitárias da história das migrações forçadas. Isto é, de migrações motivadas por várias formas de opressão que, em terras natais, barbarizam a vida de centenas de milhares de pessoas, tanto por meio de guerras fomentadas pelo imperialismo capitalista, sempre pronto a sugar riquezas alheias, quanto por obra do fanatismo religioso e do terrorismo que engendram. No rastro desse fenômeno que interpela a todos, desnudam-se tragédias que expõem, sem retoques, a miséria humana, retratada nos massivos naufrágios de migrantes desamparados, incluindo crianças; na exploração dos refugiados por grupos que, ilegalmente, controlam o seu traslado precário para outros países; na negação de asilos aos que conseguem bater nas portas das mesmas nações que fabricaram os motivos de sua desdita; e nas violações de direitos e de integridade física das vitimas dessas tragédias, que, no limite, escolhem a morte ou o assassínio de suas filhas, como alternativas mais dignas. Este é, em linhas gerais, o conteúdo tratado pelos autores do artigo e da entrevista concedida a este Boletim, os quais se somam ao elenco de colaborados ilustres e qualificados que o tem prestigiado desde a sua primeira edição.



22 àgo. à 9 de set de 2016

Núcleo de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros— NEPPE/UnB

Local: Universidade de Brasília **Horário:** matutino e vespertino **Informações:**

http://www.neppe.unb.br/br/

13 de setémbro de 2016

Corporeidade Negra e Imigração

Local: Teatro de Bolso Júlio Mackenzie - Sesc Palladium - Belo Horizonte / Minas Gerais

Informações:

http://www.sescmg.com.br/

2 è 3 de dezembro de 2016

Seminário Migrações em Tempo de Crise: desafios para as instituições da sociedade civil

Local: PUC - Belo Horizonte/MG

Informações: (31) 3319-4257

EXPEDIENTE:

Editora-chefe: Camila Potyara Pereira Comissão Editorial: Maria Auxiliadora César, Potyara A. P. Pereira, Marcos César Alves Siqueira, Carlos Lima e Vitória Góis de Araújo Estagiária: Juliana Rodrigues Lopes e Silva Revisão: Marcos César Alves Siqueira Criação e Diagramação: Camila Potyara Pereira Imagem da capa: freepik.com POLITIZANDO (ISSN 1984-6223) é uma publicação quadrimestral do NEPPOS/CEAM/UnB. Todos os direitos reservados.



Núcleo de Estudos e Pesquisas em Política Social (NEPPOS/CEAM/UnB)

Universidade de Brasília - Campus Universitário Darcy Ribeiro – Pavilhão Multiuso I, Gleba A, Bloco A. Asa Norte. CEP: 70910 –900. Brasília/ DF. Tel: +55 (61) 3107-5876. **Website:** www.neppos.com **E-mail:** neppos.ceam.unb@gmail.com **Facebook:** https://www.facebook.com/NEPPOS.CEAM.UNB



GRADUAÇÃO

Autora:

Rayssa Cardeal Santos Oliveira

Orientadora:

Prof^a. Dra. Marisa Von Bülow

Data de Defesa:

julho / 2016

Instituição:

Departamento de Ciência Política / Instituto de Ciência Política (IPOL) / Universidade de Brasília (UnB)

DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

O presente estudo teve como objetivo analisar o fenômeno contemporâneo da imigração haitiana para o Brasil no intuito de propor alternativas de políticas consideradas as informações colhidas por meio de extensa pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema. Portanto, mais do que realizar um diagnóstico da política migratória nacional, o trabalho se propôs a apresentar algumas alternativas de políticas públicas. Estas propostas são medidas a serem consideradas na implementação de iniciativas voltadas à recepção, acolhimento e permanência deste imigrante no país, respeitados os seus direitos humanos. Hoje, mais do que nunca, é necessário sair do campo da retórica e partir para a ação. O país precisa reconhecer e tomar para si a responsabilidade do que acontece com os estrangeiros que aqui chegam. As propostas de adaptação das políticas migratórias nacionais discorrem sobre medidas consideradas imprescindíveis desenvolvimento de uma política migratória brasileira suficientemente madura e condizente com os tratados internacionais dos quais o Brasil é signatário.

MESTRADO

Autora:

Laís Maranhão Santos Mendonça

Orientador:

Prof. Dr. Ricardo J. de Britto Pereira

Data de Defesa:

Julho / 2014

Instituição:

Programa de Pós-Graduação em Direito / Universidade de Brasília (UnB)

IMIGRAÇÃO E TRABALHO: LUTA POR RECONHECIMENTO DOS IMI-GRANTES NO BRASIL - Análise da participação social dos imigrantes na 1º Conferência Municipal de Políticas para Imigrantes de São Paulo

A pesquisa consistiu na análise da participação social dos imigrantes na referida Conferência visando relacionar imigração, trabalho, participação social e busca por reconhecimento. Devido à dupla implicação existente entre trabalho e imigração, entendese que o trabalho tem função central na formação das identidades coletiva e individual dos trabalhadores imigrantes. As violações sofridas pelos trabalhadores, principalmente pelos imigrantes, são entendidas como formas de desrespeito, ou seja, de ausência de reconhecimento. As experiências de desrespeito podem gerar reações tendentes ao desenvolvimento da luta por reconhecimento quando é possível a coletivização em um espaço propício de participação. A análise dos discursos demonstrou a percepção dos imigrantes sobre temas como participação direta, identidade coletiva, trabalho em condições análogas a de escravo, entre outros. Buscou-se, compreender como o trabalho influencia na formação da identidade dos trabalhadores.

DOUTORADO

Autora:

Kátia Maria dos Santos Melo

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Pinto Leal

Data de Defesa:

Junho / 2016

Instituição:

Programa de Pós-graduação em Política Social (PPGPS) / Departamento de Serviço Social (SER) / Instituto de Ciências Humanas (IH) / Universidade Brasília (UnB)

LUTAS SOCIAIS E RESISTÊNCIAS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DE BELO MONTE: Amazônia no cenário da mundialização do capital

Esta Tese analisa as lutas sociais e resistência dos movimentos sociais na área de influência da Usina Hidrelétrica de Belo Monte (UHEBM), na Amazônia Paraense. As mobilizações políticas dos movimentos sociais tencionam o Estado brasileiro, mas não eliminam de sua base conservadora a perspectiva de integração ao grande capital. É esse contexto que se situa a UHEBM, projeto do governo militar, resgatado após 30 anos pelo governo de coalizão do PT. A partir de entrevistas com representantes dos movimentos sociais chegou-se à conclusão de que a resistência se expressa a partir da pluralidade de sujeitos que contornam o desenho desses movimentos de resistência. Neste campo de forças heterogêneas, a resistência é estruturante, pois forja o agendamento público da questão, denunciando para a sociedade o projeto energético brasileiro que representa uma das facetas de mundialização do capital sobre os territórios, que ameaça o projeto civilizatório da humanidade.

MIGRAÇÕES GLOBAIS E A EUROPA DO CAPITAL

POR GIZZON DANTAS*

Ao mesmo tempo em que crescem as migrações do Oriente Médio, da África e do Leste em direção ao espaço europeu, aparecem os políticos da ordem com seu discurso humanitário, enquanto também cresce, na "oposição", o neonazismo, os partidos racistas, xenófobos.

Fica parecendo que se tratam de elementos desconectados, exceto pela relação que é feita, midiaticamente, de que neonazismo é reação à presença de migrantes e ponto. O neofascismo, portanto, aparecendo como intolerância de um setor racista da elite e da população e, do outro lado, os governos, como Merkel, na condição de autoridades bem intencionadas, que estariam objetivamente preocupadas com o fenômeno migratório. Inclusive humanitariamente.

A mídia não está preocupada em conectar esses elementos. Nem em desvelar contradições.

No entanto, basta comparar discurso com prática, isto é, o argumento humanitário daqueles governos e o conjunto da prática de Merkel [Alemanha] e seus colegas europeus, e a contradição emerge, permitindo enxergar tudo conectado. E contraditório.

Na verdade, não há pontos fora da curva: o discurso humanitário das autoridades, de boavontade e solidariedade com os migrantes, não vai além do discurso. Primeiro que os governos imperialistas da Europa são especialistas em criar — pela guerra de rapina sobre as riquezas do O. Médio ou da África, pela espoliação e política neocolonial — condições para que aqueles povos sejam obrigados a emigrar ou morrer.

Criam condições que tornam o lar daqueles povos insuportável para milhões e milhões. Tão insuportável que eles "preferem" correr o risco de



morrer no mar, migrar a qualquer custo, do que ficar ali, onde nasceram e se criaram. Por trás da barbárie da emigração forçada estão as coalizões das potências imperialistas que devastaram militarmente o Iraque, o Afeganistão, a Líbia, que espoliam a África central, o chifre da África, que promovem ou patrocinam governos ou bandos armados que terceirizam a espoliação de riquezas naturais, como no Congo por exemplo [com seus 6 milhões de mortos dos anos recentes]; a lista de crimes sociais das grandes potências e seus regimes clientes é interminável e histórica.

Com Estados Unidos à cabeça desde antes da II Guerra Mundial para cá, foram as forças imperialistas que, naquele canto do mundo, esquartejaram, desuniram, lançaram nação contra nação, bando contra bando, na obsessão de defesa dos seus interesses geopolíticos e de saque.

Não por acaso, o segundo grande grupo de migrantes que vai para a Europa são afegãos, do país onde Merkel mantém milhares de soldados alemães; portanto, do país que a Alemanha também ocupa [3º contingente depois de Estados Unidos e Inglaterra], destrói e desagrega. Aqueles problemas não existiriam nessas proporções sem a ação imperialista do grande capital europeu lado a lado com o *hegemon* norte-americano.

Mas aquela contradição acima mencionada, que tanto deveria chamar a atenção, entre retórica e fatos, se dá hoje a céu aberto. Fatos como o acordo de março deste ano entre União Europeia (UE) e Turquia para que o ditador turco, Erdogan, **não** deixe que os migrantes cheguem à Europa por terra, falam mais alto que discursos. Aqui aparece a Turquia lu-

crando com os migrantes: recebe 6 bilhões de euros da UE para cumprir o papel de cão de guarda contra os povos que fogem do horror da guerra na Síria, no Iraque, e do Estado Islâmico; e bloqueia o acesso por terra, somente restando aos povos se atirarem no mar.

E este é precisamente um dos grandes fatos chocantes pelo seu anti-humanitarismo prático: a Alemanha e os governos europeus "humanitários" sabem que barrar a chegada por terra, empurra as ondas migratórias para o mar. Lança mulheres, homens e crianças a se afogarem no mar Mediterrâneo, aos milhares [apenas este ano, em torno de 4 mil vidas ceifadas].

E não custa perguntar: com aqueles recursos bilionários gastos na ocupação, Merkel tem autoridade para alegar preocupação com os migrantes que ela mesma expulsa do Afeganistão? E Erdogan, com os 6 bilhões de euros que recebe para fechar a via terrestre das migrações, e que basicamente se preocupou em gastar em segurança, aproveitou para aparelhar a polícia de fronteira, para nada se preocupar com a vida precaríssima e miserável dos migrantes?

Mas o fato é que, sob qualquer avaliação séria, a política dos governos europeus nega, na prática, ou seja, concretamente, qualquer retórica humanitária. A UE é a mão invisível que já afogou 4 mil pessoas este ano e mais de 40 mil somando os últimos dezesseis anos.

Outros fatos: nem 1% dos migrantes que chegam são incorporados à sociedade europeia. Quase nada; a maioria fica em campos de confinamento, como regra desumanos, de onde, massivamente, são deportados a qualquer momento. Se esboçarem qualquer reação diante da desumanidade da brutalidade e assédio policial, das privações de comida, banheiro, chuveiro, água, cama de cada campo de confinamento, são criminalizados, torturados, deportados. E mais: quando a patronal europeia incorpora alguns milhares de migrantes é na base de subemprego, precarizado, baixíssimos salários, direito nenhum. Ao mesmo tempo em que a maioria dos migrantes vive na atroz insegurança, pode, em algum

momento, ser expulsa de volta à Turquia, aos seus países de origem. A Turquia, coerente com seus interesses, mantém quase 3 milhões de refugiados acantonados. Para os quais aqueles bilhões de euros não chegam nunca sob a forma de qualidade básica de vida.

Na verdade, o aparato e os negócios de segurança, vinculados à repressão policial crescem astronomicamente na Europa; mas não a construção de abrigos decentes. Na Alemanha chegam a usar campos de concentração da II Guerra como abrigo (Dashau, por exemplo). Os recursos que faltam aqui a Merkel gasta para ocupar o Afeganistão, com suas forças militares.

Uma verdadeira e não mais retórica política humanitária seria a de respeitar a autonomia nacional dos afegãos, seu lar; e investir nos abrigos para migrantes, gerar maciçamente empregos de qualidade, diminuir as horas de trabalho para empregar a todos, tanto trabalhadores migrantes quanto nativos. Nada disso interessa à Europa do capital.

A verdade, em última instância, é que os refugiados e as migrações são fruto do fracasso da globalização neoliberal. Lado a lado com o protecionismo, o nacionalismo e a xenofobia, são conexões de um mesmo processo. Que inclui a incorporação de força de trabalho jovem e precarizada para tocar sua máquina de lucro (extração de mais-valia absoluta).

E tanto a catástrofe das migrações quanto a submissão dos países mais fracos da Europa ao imperialismo alemão, são faces daquela mesma moeda: fracasso da globalização imperialista e a resposta que estes países dão em forma de política econômica, que descarrega a profunda crise dos capitalistas sobre as costas dos trabalhadores, inclusive sob a forma de guerra e de extermínio por terra e por mar.

* Gilson Dantas é Pós-doutorando na UnB, editor da revista *Contra a Corrente* e autor de vários livros e artigos entre eles *Estados Unidos, militarismo e economia da destruição* (Achiamé, 2007) e *Natureza atormentada* (C.Cultural, 2012).



^{**} Fotografia retirada do site http://

Opiniao: Sr. GHASSAN NSEIR



POLITIZANDO: Como o senhor vê a crise migratória internacional?

Quais as suas principais causas e qual o perfil do refugiado atual?

Embaixador da Síria no Brasil

Sr. Ghassan Nseir: A migração do mundo vários tem motivos, principalmente neste último período. Existe a emigração que ocorre por existência de guerras, sendo mais expulsão do que emigração em si. Existe também a questão econômica de pessoas que querem melhorar suas condições de sobrevivência e saem em busca de outro lugar para viver. Existem as emigrações que ocorrem questões políticas. Podemos incluir a questão da emigração de três círculos em que cada uma terá suas motivações e particularidades.

Houve várias ondas de migração que ocorreram nos séculos passados, entre a primeira e a segunda guerra mundial; existem as emigrações africanas, principalmente as que se dirigem à Europa buscando uma condição melhor de vida; e existe a emigração que nos diz respeito agora, que não chega a ser uma emigração e sim uma emigração induzida, uma expulsão.

Se pegarmos a questão Síria, antes de 2011 nós não tínhamos essa

Entrevista realizada pela pesquisadora do NEPPOS Juliana Rodrigues Lopes e Silva

onda de emigração tão vultosa como ocorre agora. Tínhamos migrantes que saiam do país por questões de estudo, outro tipo de vida, mas não era tão intenso. Não tínhamos uma emigração em si, mas sim o deslocamento de pessoas que iam de um lugar para outro em busca de uma situação melhor de vida, estudo, emprego. Mas, essa guerra terrorista imposta à Síria empurrou essas pessoas para emigração e usaram esse fator como um dos instrumentos da guerra; mas, na verdade, os acampamentos dos refugiados foram montados na fronteira antes da própria guerra começar. Os países financiadores da guerra culpam essas pessoas e os governos, proporcionando uma intensificação da guerra e depois buscando soluções.

Os problemas são que as ONGs e instituições que cuidam da questão dos refugiados trabalham sob o comando de forças maiores e de suas ordens que apresentam um cunho imperialista, os nortecomo americanos. Para eles não existe um valor para o ser humano, exceto se eles puderem ter lucro e transformalos em investimento. Para obterem esses benefícios de forma lucrativa, são capazes de matar, expulsar, transformar estes seres humanos em um instrumento. O discurso deles é mentiroso porque falam em defesa dos direitos humanos, do direito dessas pessoas que estão sendo subjugadas. Mas, se tivessem investido esse mesmo dinheiro que usaram para destruir a Síria no progresso desse país, com certeza esta seria uma nação muito mais avançada; e não somente a Síria, mas todos os países dessa região.

Estamos nos tornando coisificados; e um dos fatores que contribui para isso é a globalização. Como explicar a suposta defesa da democratização de um país, quando ao mesmo tempo os imperialistas fornecem armas para países nada democráticos - como a Arábia Saudita - para atacar outros países - como o lêmen, por exemplo?

E usam todos os meios de comunicação como instrumentos para divulgar essa ideia, para fazer o ser humano acreditar que ele não passa de uma coisa. O objetivo deles é a obtenção de lucro financeiro. Se querem realizar investimentos, por que não investem nesses países, principalmente na África, para que as pessoas encontrem trabalho, utilizando o potencial de quem já está lá. Porém, infelizmente, a indústria bélica é quem conduz as políticas.

Acredito que esta democracia defendida por eles é uma grande mentira. Acho que a democracia é a garantia de vida do ser humano com dignidade; é a garantia de que todos tenham moradia, se alimentem bem, se vistam bem, encontrem uma boa escola, bons médicos e que preservem a sua dignidade como seres humanos. Democracia não se trata apenas da liberdade de expressar livremente sua opinião acerca do presidente. O que adianta ter a liberdade de falar o que quiser do presidente, mas passar fome? É uma democracia completamente sem lógica, pois não se tem como pegar um modelo único de democracia e querer aplicá-lo a situações diferentes, porque cada povo, região e área têm as suas particularidades, o seu modo de viver e de conduzir as coisas. Não tem como comparar, por exemplo, a formação de um país como os Estados Unidos da América (EUA), que após uma verdadeira matança dos índios nativos da região, saíram captando pessoas no mundo inteiro para formar seu povo, com as civilizações que já existem a dez mil anos. Os EUA têm um histórico

de destruição desde a época dos índios, passando por Hiroshima e Nagasaki, pelo Afeganistão, o Iraque e agora a Síria.

POLITIZANDO: EUA, Inglaterra, Rússia, França e Alemanha participam ativamente no financiamento da guerra nos países em conflito, mais especificamente na Síria. Tendo em vista esta realidade, qual deveria ser a postura destas nações diante dos refugiados?

Sr. Ghassan Nseir: Deveriam ser, no mínimo, relações em prol do ser humano e não uma concorrência para saber quantas ogivas nucleares um tem ou quantos mísseis o outro tem. O arsenal militar que esses países possuem, tanto os EUA quanto a Rússia, é capaz de destruir o mundo quase trezentas vezes. Então para que tantas armas nucleares se uma só já destruiria o planeta?

A Rússia, por exemplo, tem uma postura mais humanitária e um sistema bem diferente do adotado pelos EUA. Desde a época da União Soviética, este país têm procurado ajudar o mundo como um todo, principalmente os países de "terceiro mundo"; enquanto que os EUA apoiam países de acordo com seus interesses, como, por exemplo, Israel onde eles têm a força ocupacionista. Eles querem apagar a Palestina do mundo, sendo que existe um povo lá, existe uma terra que é desse povo.

Na verdade o que está ocorrendo é que eles estão tentando fazer uma troca de regimes de forma a montar um esquema que resguarde os interesses dessas grandes potências.

E, além disso, existe a "importação de cérebros", que é a apropriação das capacidades intelectuais de outros países. Por exemplo: um país investe em uma pessoa desde pequenina até crescer, se formar, e aí as grandes potências ocidentais conquistam essa pessoa e recebem de graça todo o seu know how. Com este imigrante em seu território, fazem uma lavagem cerebral para que ele sirva aos inte-

resses imperialistas. Tem mais um fator: mesmo que este intelectual queira ficar em seu país de origem, este país não possui o avanço tecnológico das nações dominantes; estas impedem que os países de capitalismo periférico recebam tecnologias que incentivem a permanência de seus cientistas na terra natal.

Nós falamos dos vários tipos de migração aqui, mas podemos ver que, por trás de todas elas, o objetivo é um só: mudar a estrutura desses países, enfraquecendo-os e tornando-os presas fáceis para que sejam subjugados e atendam aos interesses das grandes potências mundiais. E, além disso, tentam promover uma imigração seletiva, na qual escolhem os imigrantes que querem levar para seus territórios, geralmente, os que se caracterizam como mão de obra barata e os profissionais com alta especialização.

POLITIZANDO: O senhor concorda que este é um dos maiores êxodos da história recente? Qual o seu impacto na estrutura política, econômica e social mundial?

Sr. Ghassan Nseir: Há uma migração, mas não se sabe se pode ser considerada a maior, pois houve outras migrações no início do século, século passado, no século retrasado, sendo todas elas grandes migrações que mudaram a composição de outros países no mundo. Só que, naquela época, não existia a mídia, que transmite a informação da migração, ou seja, não existia a midiatização da migração. Então são fatores que contam muito. Agora não. Agora se tem uma cobertura constante dos processos migratórios, para saber aonde essas pessoas vão.

Mas sim, há uma grande emigração proveniente de todos os países que enfrentaram guerras, como Afeganistão, Iraque, Líbia, Iêmen.

Quanto ao impacto dessa migração, acredito que ocorrerão, muito provavelmente, grandes mudanças nos países receptores, porque o imigrante carrega dentro de si uma identidade, sua e de seu país, e ele vai levar essa identidade para o outro país. É claro que vai existir o período de adaptação, o período de choque entre duas culturas, todas essas são fases pelas quais os imigrantes passam; são fases difíceis e árduas cujo impacto aparecerá mais à frente.

No final das contas o objetivo desses países é a padronização do ser humano; que pensem igual; tenham a mesma civilização, hábitos, cultura, tradição; tudo o mesmo, igual e no mundo todo. E é isso o que a globalização tentou fazer, o que é muito difícil, pois não há como padronizar seres humanos: cada um veio de um ambiente e, nesse ambiente, cada um absorveu a cultura do local, o pensamento do local, o *modus operandi* do local e uma forma específica de existir

Vê-se, por exemplo, por meio das outras imigrações, e por meio desta agora, que os imigrantes formam redutos nos lugares onde vão viver, como, por exemplo: em Paris há Chinatown, um bairro composto só por imigrantes chineses; há Barbès, que é um bairro formado de imigrantes marroquinos e árabes em geral; ou seja, aonde eles vão, buscam a sua identidade e, além do choque cultural com o outro, procuram uma forma de preservar suas tradições e hábitos, amontoando-se em redutos de iguais.

Se guisermos exemplificar tudo isso que está ocorrendo de uma forma simplista podemos citar o transporte de uma plantinha de um país frio para um ambiente tropical. Para fazer com que essa planta viva, será preciso garantir muitas condições. Até ocorrer a sua adaptação, essa planta passará por um processo de modificação penoso. No entanto, mesmo adaptada, ela nunca vai crescer naquele lugar como cresceria no seu país de origem. Pode-se ver pelas frutas, por exemplo. A fruta que você come no seu país de origem, de onde ela é nativa, tem um sabor específico

e, quando você come a mesma fruta em outro país, o sabor não é o mesmo.

POLITIZANDO: Qual tem sido e qual deveria ser o papel da ONU e de outros organismos internacionais na solução da atual crise migratória?

Sr. Ghassan Nseir: A ONU não passa entidade uma fracassada, atualmente. Nunca conseguiu resolver nenhum problema no mundo. E não resolve nada porque é dominada pelos EUA. Quando a Carta das Nações Unidas foi pensada elaborada, era uma exemplar. Mas, a interferência dos EUA na forma de executar o previsto na Carta, acabou por transformar a ONU em uma entidade que serve aos interesses desta nação. Todas essas organizações internacionais, essas ONGs que estão atuando na questão migratória, na verdade não passam de organizações políticas ou de politicagens que atendem mandos dos EUA. E as organizações que não têm o "rabo preso" com esse sistema das Nações Unidas, não conseguem prosperar em suas ações. Eu vivenciei isso durante cinco anos quando trabalhei em Genebra como Embaixador da Unesco.

"A ONU não passa de uma entidade fracassada, atualmente. Nunca conseguiu resolver nenhum problema no mundo. E não resolve nada porque é dominada pelos EUA."

Um exemplo dessa interferência é que, na Carta das Nações Unidas, há um artigo que prevê a sua não interferência na troca de regimes dos países. Então, o que foi que eles fizeram na Síria, na Líbia, no Iraque e em tantos outros lugares onde interferiram? E esses outros países que são membros permanentes dos órgãos de segurança que vão ao púlpito das Nações Unidas e fazem um discurso gigantesco a favor dos direitos humanos e da justiça? Infelizmente a mentira tem sido vendida como verdade ultimamente. Infelizmente todos eles falam em nome do povo, mas o povo em si perdeu a autoridade. Não existe democracia, porque, como já disse, a democracia se baseia na preservação da dignidade do ser humano e na garantia de seus direitos. O que vou querer com a democracia norteamericana se eu não tenho um hospital onde posso levar meu filho para ser tratado? Uma escola que garanta a educação do meu filho? Os outros fatores ocorrem em consequência disso. É a partir da garantia da saúde, da alimentação, da educação, da moradia e do emprego que se pode começar a falar de democracia.

POLITIZANDO: Alguns países capitalistas centrais, especialmente na Europa, estão criando bloqueios (como a construção de muros, barreiras com policiais armados e cachorros) para impedir a entrada de refugiados. Outros estão fixando cartazes nos países de origem dos imigrantes (como a Síria) informando que as portas de entrada em seus territórios estão fechadas. Como o senhor explica a reação destas nações à esta crise?

Sr. Ghassan Nseir: Essa visão tem dois lados. O lado de fora e o lado de dentro da fronteira. Por exemplo, quando houve a guerra contra o Iraque, a Síria recebeu todos os refugiados iraquianos. Eram mais de quatro milhões de refugiados. Quando estes refugiados chegaram na nós não Síria, montamos acampamentos para eles; não os excluímos em lugares isolados. Pelo contrário, eles foram recebidos no país e na sociedade. Eles puderam estudar e procurar empregos porque nós temos essa relação de vizinhança com o Iraque, assim como temos com o Líbano, quando os libaneses também se refugiaram em nosso país. Assim como em 1948, nós recebemos os palestinos e eles passaram a viver como qualquer cidadão sírio no país, inclusive com alguns privilégios. E

"Das ajudas
humanitárias que
estão sendo fornecidas
a esses refugiados,
75% são bancadas
pela Síria; o restante é
das Nações Unidas. ."

agora os refugiados que chegam aos países capitalistas centrais, vêm devido às guerras nos seus países de origem. Olhando pelo lado de dentro da fronteira, quando se colocam cartazes, constróem-se barreiras para impedir a entrada dos refugiados em seu territórito, eles têm seus motivos particulares e suas razões acreditar que esses refugiados vão comprometer a estrutura do seus países. Quando essas ondas refugiados ocorrem, os países receptores têm a sua estrutura abalada e muitos não estão aptos a receber os imigrantes. Mas eu culpo esses países porque essas ondas de refugiados são consequência da ação direta e do apoio indireto das nações capitalistas centrais nas guerras do Oriente Médio e da África. Então, o que está acontecendo agora é responsabilidade deles, pois foram eles que decidiram isso e provocaram os conflitos. Porque quando um governo apoia a sanção de medidas econômicas contra a Síria, o país é proibido de receber medicamentos, alimentos, dinheiro e todo o necessário para que o povo possa sobreviver. Na verdade, nessa onda de refugiados que eles chamam de "sírios", sírios os representam cerca de dez por cento do total de imigrantes. A ampla maioria se apresenta como sírio, mas veio do Iraque, do Afeganistão e até do Irã. E, por outro lado, temos a Turquia, que usou esses imigrantes para pressionar a Europa. Eles usaram os refugiados como uma negociata. Então, como eles fazem isso e, ao mesmo tempo, mandam armas por aviões para terroristas que degolam pessoas, que são cruéis, que saem matando a população civil?

Além disso, a mídia passou a ser um dos instrumentos mais fortes nessa guerra ao terror, sendo muito bem utilizada por esses países que comandam essa guerra. Como explicar o fato de países financiarem a guerra, mandarem armas para que terroristas ataquem pessoas no Oriente, induzir a fuga das pessoas para países imperialistas e estes bloquearem a sua entrada? O que eles estão querendo fazer? Matar essas pessoas. Pode-se muito bem falar o discurso dos direitos humanos lá fora, mas quando a questão os atinge, aí adotam outra postura, criando um conceito diferente de diretos humanos, distorcendo-o para adapta-lo à situação que estão enfrentando.

POLITIZANDO: Sabe-se que muitos refugiados acolhidos têm sido utilizados como mão de obra barata e perdem suas referências culturais natais. Quais as consequências disso para os próprios refugiados? O senhor acredita que é possível reconstruir a vida nos países que os recebem?

Sr. Ghassan Nseir: Acredito, com certeza, porque as pessoas precisam viver. Tem pessoas que, assim que a situação se acalmar, vão voltar; e tem outras que vão ficar de vez. É necessário analisar de qual país essas pessoas partiram; se saíram das áreas que passaram a ser controladas pelos terroristas. Das ajudas humanitárias que estão sendo fornecidas a esses refugiados, 75% são bancadas pela

Síria; o restante é das Nações Unidas. E, enquanto isso, a ONU realiza reuniões e mais reuniões, fala sobre ajudas e junta donativos realiza campanhas, mas, na prática, não se vê nada. Cerca de 35% dos recursos captados por eles são repassados como ajuda humanitária para a Síria; o resto é salário de funcionários e despesas. De cada cota que os países pagam à ONU, 13% vai para bancar salários e despesas com funcionários.

"Como explicar o fato de países financiarem a guerra, mandarem armas para que terroristas ataquem pessoas no Oriente, induzir a fuga das pessoas para os países imperialistas e estes bloquearem a sua entrada? O que eles estão querendo fazer?

POLITIZANDO: Temos observado, recentemente no Brasil, um crescimento da xenofobia (e do racismo), no mesmos moldes do que ocorre nos países centrais. Como o Brasil está inserido neste contexto?

Sr. Ghassan Nseir: Infelizmente são fenômenos que estão sendo induzidos. Existe alguém por trás da indução desse tipo de pensamento. O Brasil, anteriormente, era um país conhecido pela tolerância, principalmente pelo amor ao próximo, pelo respeito aos estrangeiros, um país com as portas abertas e que sabia lidar de forma suave com os imigrantes; vide os primeiros imigrantes sírios que vieram para cá e que aqui foram muito bem recebidos. Mas, infelizmente, temos observado o aumento do ódio ao estrangeiro que solicita ajuda. Sei que, nas ondas migratórias pessoas más acabam se infiltrado. Eu, como liderança, tenho obrigação preservar a minha sociedade. Existem certas políticas que preveem esse fato e atuam para que controlado. Um exemplo da infiltração de maus elementos é o que está ocorrendo aqui no Brasil: estão sendo distribuídos livros nos centros religiosos que contém um pensamento extremista da Arábia Saudita. Estes livros estão sendo inseridos na sociedade brasileira e as pessoas estão lendo. Então, por que o governo permite esse tipo de coisa? Eu sou a favor de que haja uma liberdade da prática religiosa, mas, ao mesmo tempo, eu, como líder, tenho que ficar de olho no que está sendo divulgado para preservar a minha sociedade e suas características para que esse tipo de coisa não ocorra. Porque liberdade não destruição da sociedade. Primeiro deve-se saber qual o fim, o objetivo disso tudo. Será que é apenas religiosidade, ou há algo ainda maior por trás disso?

Mensagem final do Sr. Ghassan Nseir

Espero que vocês jovens não se deixem levar pela mídia, que vocês tenham uma visão analítica de tudo que acontece no mundo. E que tenham um pensamento crítico, desconfiem das informações, busquem a verdadeira informação em várias fontes e procurem o porquê disso e daquilo sempre. No final das contas o direito e a verdade são muito claros para quem quiser ver. E sempre o ser humano tem que se colocar no lugar do próximo, porque se ele não sentir o que o próximo sente ele nunca vai ter uma visão objetiva do que está acontecendo. E eu espero sinceramente que esse domínio imperialista e capitalista acabe, pare de se impor ao mundo e que haja a mudança para o bem do ser humano. Que o valor humano não seja apenas o material, contabilizado com dinheiro.

POLITIZANDO RECOMENDA

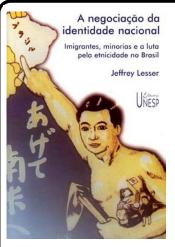


Esta obra, de Suzana Velasco, trata da política de imigração europeia por meio de uma reflexão crítica. A autora expõe a recepção europeia dos imigrantes provenientes de países do capitalismo periférico e a forma seletiva com que eles são escolhidos quando passam pelas crueis medidas de segurança adotadas

pelos países que os recepcionam. Velasco denuncia as medidas excludentes e seletivas que barram imigrantes que supostamente "não se encaixam" no modelo europeu. Ao longo da obra, a autora debate ainda temas como racismo e cidadania, discutindo o perfil dos imigrantes que normalmente são barrados ou aceitos de forma subalterna e destrincha a fragilidade da cidadania desses imigrantes nos países onde são recebidos. Esta frágil cidadania, que pode ser extinta a qualquer momento, nunca os contempla: ela sempre será uma ameaça à identidade cultural, social e política da Europa.

Referência: VELASCO, Suzana. Imigração na União Européia: uma leitura crítica a partir do nexo entre securização, cidadania e identidade transnacional. Campina Grande: Eduepb, 2014.

Por Liliane Ventura Santos Jesus Estudante do 7º semestre de Serviço Social da UnB

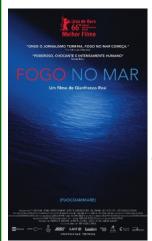


Nesta obra, Lesser analisa as formas utilizadas pelos imigrantes para encontrar seu lugar e sua identidade no Brasil e debate as reações das elites e do Estado brasileiro. O autor centra sua análise nos imigrantes de origem não europeia - chineses, sírios e libaneses - e incita o debate sobre como a cul-

tura destes imigrantes influencia a construção da identidade na sociabilidade e na economia brasileiras. O autor denuncia a utilização expoliadora e precarizada da mão de obra imigrante para obtenção de lucros cada vez maiores e debate a ausência de proteção e de direitos sociais míniños para a população recepcionada no País. Além disso, o texto estuda as formas utlizadas pelo Estado e pela elite nacional para manipular a visão comum sobre os imigrantes, fazendo com que os mesmos sejam vistos como perigosos, a fim de inibir sua aceitação no Brasil.

<u>Referência</u>: LESSER, Jeffrey. A <u>negociação</u> da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnocidade no Brasil. São Paulo: Unesp, 2001.

Por Karoline Lima Barros Estudante do 8º semestre de Serviço Social da UnB



Este documentário italiano retrata a atual crise dos refugiados na Europa. Embora a crise migratória internacional se configure um desafio para a Europa e para todo o mundo, com consequências crueis para os países capitalistas perífericos, de onde procedem populações em movimento forçado, "Fogo no Mar" aborda a questão da imigração a partir de relatos dos refugiados, bem como de pessoas envolvidas no processo de resgate das embarcações clandestinas. Neste sentido, o filme se passa em dois contextos: um apresenta a realidade dos imigrantes que passam por situações degradantes com a esperança de fugirem da guerra civil em seus países de origem e, outro, parte mostra o cotidiano dos moradores da ilha italiana de Lampedusa, o primeiro porto a receber as embarcações provenientes dos países em guerra na África e no Oriente Médio. O documentário foi lançado em fevereiro de 2016, sob a direção de Gianfranco Rosi e venceu o prêmio Urso de Ouro no Festival de Berlim 2016.

Referências: ROSI, Gianfranco. Fuocoammare (Fogo no Mar). Cor/1h 48min. Itália, 2016.

Por Lidiany Azevedo dos Santos Estudante do 8° semestre de Serviço Social da UnB